

JORNAL: *Correio da Manhã* LOCAL: *Quamabara*

DATA: *19/05/1972* AUTOR: *Eurico Nogueira França*

TÍTULO: *Coleção Gilberto Chateaubriand*

ASSUNTO: *Tram na Coleção Gilberto Chateaubriand*

MÚSICA

19 maio 1972 c. Manhã

EURICO NOGUEIRA FRANÇA

Coleção Gilberto Chateaubriand



EM boa hora, na Galeria do Instituto Brasil Estados Unidos, uma amostragem da coleção de pintura brasileira de Gilberto Chateaubriand. Em relação ao evento, há que se lamentar apenas que a amostragem não tenha sido maior, que o espaço disponível na Galeria tenha-lhe imposto uma limitação tão grande.

Gilberto Chateaubriand representa o tipo mais autêntico do colecionador. Numa época na qual a compra de obras de arte em larga escala costuma a se tornar num processo com motivações predominantemente comerciais — ela é tantas vezes encarada acima de tudo como um bom “investimento” — Gilberto teima em colocar sua fruição das obras que adquire em pri-

meiríssimo lugar. Embora sem recusar a cooperação valiosa de marchands e críticos, Gilberto Chateaubriand interfere sempre minuciosamente em cada nova aquisição.

Nossa carreira de crítico tem corrido paralela ao do jovem colecionador. É o seu gosto pessoal que determina sempre a sua decisão; não faz compras por encomendas a terceiros. Pouco a pouco, fazendo certamente malabarismos para atingir seus alvos, vai aumentando seu acervo, marcando-o mesmo cada vez mais com sua personalidade. Num certo sentido, a coleção de Gilberto Chateaubriand traça o seu perfil como homem de cultura. Se estivesse alinhada cronologicamente em relação a seu crescimento, constituiria quase um diário.

Amante inveterado de sua terra, de seu meio e de sua gente, Gilberto Chateaubriand optou por uma coleção exclusivamente brasileira. Jamais indaga se seu acervo constitui “moeda internacional”, se teria colocação em mercados americanos ou europeus. Gilberto está sempre “em outra”; sua curtição é arte mesmo, é Brasil mesmo.

Embora tenha sido bem reduzida em relação a seu total no presente, a seleção no Ibeu é impressionante. Até mesmo o critério de apresentação de uma única obra de cada artista, cuja justificativa é mais aparente que real, funcionou bem. Coerente com seu propósito de brasileiro, Gilberto Chateaubriand nos mostra algo de gabarito indubitavelmente internacional. Se, por um lado, a exposição não poderia ser encarada como uma amostragem do período que cobre — os 50 anos desde a Semana de Arte Moderna — por outro lado, ela apresenta uma forte unidade, e funciona admiravelmente em conjunto.

Dois motivos principais impedem que a presente coleção retrate o último meio século de nossa criação artística. Um deles é a deficiência relativa dos movimentos informais, face à arte figurativa; o outro, a circunstância de di-

versos dentre os principais nomes da coleção não se encontrarem representados por obras de seus períodos mais típicos. Esta última circunstância, porém, paradoxalmente define um dos pontos de interesse da mostra. Ela nos faz surpreender grandes artistas em períodos de formação ou de hesitação criativa, já de posse, entretanto, de grande artesanato e de capacidade criativa. É agradável, por exemplo, ver-se Volpi representado por um vaso de flores, ao invés de por um de seus quase-informais típicos. No mesmo sentido, observe-se também as composições de Brenand, de Wanda Pimentel e alguns outros.

Uma coisa é certo: não importa a que período na carreira do artista sua obra pertence, ela é sempre uma obra que apenas um colecionador de invulgar talento teria escolhido. Gilberto Chateaubriand apresenta-nos mesmo obras excepcionais na trajetória de alguns grandes artistas. Sua seleção dos pintores de 22 é das melhores que se pode reunir. Uma composição de Ivan Serpa mostra-nos o artista no melhor de sua figuração. Outros exemplos semelhantes poderiam ser citados.

No campo da escultura, a coleção tem seu ponto fraco. As obras, embora também excelentes, são pouco numerosas. É mais justo, porém, apreciarmos a presente mostra apenas como uma coleção de pintura.

Que a notável realização de agora seja o preâmbulo de uma outra, três ou quatro vezes mais numerosa. Gilberto Chateaubriand está certamente em condições de nos proporcioná-la. Quanto, ainda, à mostra presente, ela é uma comemoração condigna do cinquentenário de 22, não obstante as restrições que assinalamos acima. Trata-se de um espírito cosmopolita, de sério amante da arte contemporânea que há muito tempo optou pela valorização dos artistas brasileiros, embora tenha tido sempre a oportunidade de boas aquisições de nível-cotação internacional.